

A formação dos paradigmas do ensino da literatura ao longo do tempo

The formation of literature teaching paradigms over time

Francisco Carlos da Silva Caetano¹



RESUMO

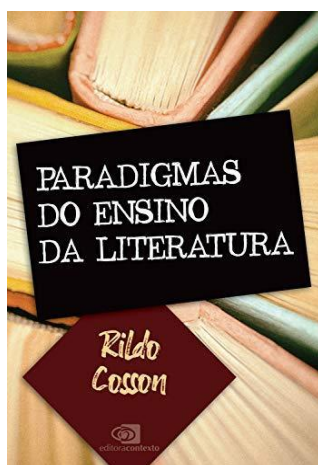
A formação dos paradigmas do ensino da literatura ao longo do tempo se trata de uma resenha crítica do livro de Rildo Cosson “Paradigmas do ensino da literatura” publicado pela editora contextual, 1ª edição e 1ª reimpressão no ano de 2021 em São Paulo – Brasil, com 224 páginas divididas entre introdução e seis capítulos nos quais são apresentados os paradigmas do ensino da literatura em diferentes épocas ao longo da história da educação no Brasil.

Palavras-chave: literatura, ensino de literatura, formação de paradigmas.

ABSTRACT

The formation of literature teaching paradigms over time is a critical review of Rildo Cosson's book “Paradigmas do ensino da literatura” published by the publishing house contextual, 1st edition and 1st reprint in the year 2021 in São Paulo - Brazil, with 224 pages divided between introduction and six chapters where teaching paradigms are presented of literature at different times throughout the history of education in Brazil.

Keywords: literature, literature teaching, paradigm formation.



Quando pensamos e buscamos conhecer mais sobre o processo de ensino de literatura seja nas escolas ou em outros ambientes educacionais, logo nos deparamos com

¹ Graduação em Letras/ Mestrando em Educação. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: fcarloscaetano@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9849-427X>

o rico material produzido por Rildo Cosson, que surge como um dos principais autores que se dedica a pesquisar e a apontar caminhos para o ensino de literatura na escola. Cosson já publicou três obras com a temática voltada para o ensino de literatura: *Letramento literário: teoria e prática* (2006), *Círculos de leitura e letramento literário* (2014) e *Paradigmas do ensino da literatura* (2020). O primeiro trata do ensino de literatura dentro do contexto de sala de aula. Já no segundo as reflexões sobre o ensino da literatura no contexto escolar vão além da sala de aula e integra todo o ambiente escolar. Por fim, o terceiro contextualiza os principais conceitos e ideias que constituíram os paradigmas do ensino da literatura desde a chegada dos jesuítas no Brasil até as propostas mais recentes para o ensino literário nas escolas.

Na introdução do livro *Paradigmas do ensino da literatura*, o autor apresenta algumas ideias e autores, que em seus estudos, buscaram delinear paradigmas educacionais, sempre de uma forma didática na intenção de uma boa absorção pelos iniciantes e os interessados em refletir sobre questões voltadas aos campos educacionais.

O autor fala que “A ideia de ler o campo de ensino da literatura por meio de paradigmas é uma maneira de refletir e buscar entender em um quadro mais amplo esse diagnóstico de crise e suas propostas de superação” (COSSON, 2021, p. 11), assim fortalece a ideia de que o livro é destinado a professores do ensino básico, alunos do curso de Letras e Pedagogia. Ao longo do livro, ele discorrerá sobre seis paradigmas que compõem o ensino de literatura, apresentando cada um deles dentro da época e do contexto ao qual se constituíam.

Ele inicia a introdução explicando que: “Um paradigma é constituído por saberes e práticas, conceitos e técnicas, questionamentos e exemplos, objetos e termos utilizados para descrevê-los dentro de uma determinada área de conhecimento” (COSSON, 2021, p. 7), trazendo assim uma ideia sobre a constituição de um paradigma que vai se concretizando à medida em que o autor discute e reflete sobre cada um dos paradigmas apresentados neste livro.

O primeiro capítulo, intitulado *Paradigma moral-gramatical, século XIX*, nos permite pensar, a partir das experiências como coordenador pedagógico de escolas de ensino fundamental, que alguns dos aspectos deste paradigma ainda exercem algumas influências nas práticas de ensino de literatura atualmente. Um destes aspectos é a ideia que se construiu neste paradigma que é de “unir o útil ao agradável”, ou seja a literatura

era usada como um apoio às questões relacionadas a linguística, a aprendizagem de uma nova língua, uma vez que neste momento da história o ensino era organizado e ou influenciado, na maioria das vezes pelos jesuítas, que em seus ensinamentos tinham como objetivo principal, ensinar o latim para os alunos, na maioria indígenas que habitavam o Brasil.

Ao encontro dessa ideia, em meados do século XIX, os textos literários selecionados para compor os materiais didáticos a serem utilizados com os alunos eram aqueles que objetivavam educar moralmente os estudantes conforme a fé católica.

Neste paradigma, a literatura clássica é fortemente imposta como um referencial para a formação cultural e moral dos estudantes, mas fora do ambiente escolar, ela é tida como referência para um estudo ocasional e um lazer à parte, pois no ambiente escolar eram postos apenas recortes destes textos, tidos como bons exemplos para o momento. Isso ocorria, pela corrente ideológica presente na época em que o contato com obras literárias era somente para uma minoria, ou seja, para a elite da época, os demais deveriam se contentar com os recortes selecionados pelos jesuítas e apresentados nos materiais didáticos utilizados nas aulas. Neste contexto, a literatura era tida como “um tesouro, ou um legado a ser recebido e incorporado para a edificação moral e linguística do aluno” (COSSON, 2021, p. 223).

O autor destaca o papel e os objetivos de cada sujeito envolvido nesse paradigma: o professor era alguém que precisava assumir sua postura de erudito, a escola uma guardiã dos tesouros, o aluno um mero receptor e assim, o paradigma moral-gramatical se mantinha nas escolas do Brasil colonial.

O segundo capítulo aborda o paradigma histórico-nacional, no qual o ensino de literatura era voltado para o nacionalismo brasileiro, sua marca definidora é o nacionalismo, últimas décadas do século XIX. A literatura brasileira neste contexto passou a ser a base para a formação de um verdadeiro patriota, pois é neste momento que a literatura passa a ser referência para a representação do Brasil, sobre o que é ser brasileiro.

Neste capítulo, somos convidados a rever os conceitos sobre como é o ensino de literatura atualmente em nossas escolas, em comparação ao que foi e ao que resiste até o momento. O autor esclarece sobre o momento em que a literatura passou a ser organizada em cânones e a ser seguida como um referencial, uma representação cultural do Brasil,

de forma que para ser uma pessoa culta, era preciso conhecer os principais nomes da literatura brasileira e a que momento e estilos esses nomes remetiam.

A literatura nacionalista é abordada enquanto parâmetro cultural do país, uma base para a formação moral dos brasileiros, e como um instrumento de ensino da língua culta do português falado no Brasil, assumindo um caráter pedagógico para a formação cultural dos alunos.

Observa-se também a presença da literatura nos materiais didáticos, mais precisamente o surgimento dos livros didáticos que vinham modificando o papel do professor neste contexto. Lembrando que neste paradigma, assim como no moral-gramatical, o professor é autoridade, as aulas são expositivas e os alunos são receptivos, sem voz para questionamentos e deveriam memorizar o máximo que pudessem para reproduzir nos testes e para conseguir um bom status.

Cosson explica detalhadamente, como o ensino de literatura foi adentrando nas escolas e ocupando diferentes significados, ele esclarece como essa literatura foi sendo concebida ao longo dos anos por meio dos olhares intelectuais da época, apontando seus valores e seus objetivos no contexto escolar. Assim podemos entender o papel da escola, do professor e do aluno, perpassando a função da literatura em cada fase da educação que estava vigente naquele contexto. Neste momento é possível observar algumas inovações para a época em que se desenvolve esse paradigma, como a presença da literatura nos livros didáticos ou em apostilas, a relativa autonomia do professor em escolher os textos a serem trabalhados. É neste contexto que se desenvolve a discussão sobre a literatura brasileira e sua história divididas em séculos que ganham força e começam a aparecer nos manuais de ensino da época.

Os objetivos deste paradigma se conectam ao paradigma moral-gramatical, pois o ensino de literatura era voltado a questões doutrinadoras, modeladoras e elitizadas, o acesso a esse material literário, reverenciado pelos grandes sábios, não era acessível a toda a sociedade, e a escola se mantinha como a guardiã deste tesouro nacional.

O terceiro capítulo apresenta o paradigma analítico-textual, que se constitui nas primeiras décadas do século XX. O autor discorre positivamente sobre uma produção de Livia Ferreira (1970) destinada ao ensino de literatura para os alunos do ensino médio. Com isso, aponta algumas peculiaridades que distinguem esse material didático dos demais pertencentes aos paradigmas anteriores, por sua roupagem contemporânea e um

olhar diferenciado sobre o ensino de literatura, deixando de lado as questões voltadas para o nacionalismo, o doutrinamento e a instrumentalização da literatura em relação às questões de ensino. Cosson inicia o capítulo falando mais especificamente das características estéticas e estilísticas obras literárias naquele contexto, que estavam em uma posição elevada enquanto produto cultural e não de literatura em geral, chamando a atenção do leitor para os valores atribuídos às características mais visíveis e palpáveis das obras literárias que compunham esse paradigma.

Conforme os apontamentos do autor, o paradigma analítico-textual se constrói a partir da soma dos dois paradigmas anteriores, os resultados obtidos desta soma é a concepção de uma literatura que se forma por meio da valorização estética e estilística pelas quais as obras literárias eram constituídas. Assim, a literatura era aquilo que estava nos livros desde que fossem consideráveis as questões como: a alta elaboração estética, com detalhes discursivos distintos em níveis linguísticos composta de um estilo requintado aos seus apreciadores.

Enquanto nos dois paradigmas anteriores se preservava o interesse voltado para o ensino da língua, da gramática em si, da modelação moral, o paradigma analítico-textual despertava

A preferência pelos traços linguísticos e pelo modo de dizer, em detrimento do conteúdo que identifica a literatura como expressão estética no paradigma analítico-textual, é a principal responsável pelo caráter Universal atribuído às obras literárias, uma vez que, alçadas ao patamar de obras artísticas ou esteticamente elaboradas, elas já não dependem ou estão livres de construções de tempo e lugar. (COSSON, 2021, p. 75.).

Assim, observamos esse movimento de pensar e refletir a literatura, as obras literárias com objetivos mais voltados a outros elementos que não eram valorizados ou levados em consideração anteriormente. Neste paradigma a literatura é tida como a arte da palavra, por isso cresce a atenção em relação aos sentidos de conotação e denotação, linguagem literária e cotidiana para constituir os conceitos de concepção de literatura, esses elementos não são os requisitos mais importantes nos dois primeiros paradigmas, mas é fundamental no terceiro paradigma. Cosson neste processo de análise sobre os paradigmas leva o leitor a refletir sobre o ensino de literatura na contemporaneidade, explica a concepção de literatura para aquele momento, e a relação das obras literárias com as outras artes que compunham o quadro cultural naquele contexto da história, e é

essa relação, essa equiparação com as demais artes que vai agregar o valor da literatura dentro do paradigma analítico-textual.

Esse capítulo se torna ainda atrativo pelo fato de estar tratando de temas que ainda são muito recorrentes atualmente. Isso aproxima o leitor do século XXI, pois o faz sentir envolvido na temática em discussão. Neste momento da leitura, é possível que a mente inquieta dos atuais professores de literatura se agite em um processo de idas e vindas na tentativa de ampliar suas compreensões, associações e reflexões a partir do texto.

Ao observarmos o papel do aluno, do professor e da escola dentro deste paradigma, é possível fazer comparações com as vivências pessoais, tais como: ser um leitor aprendiz, adquirir conhecimento por meio da literatura, desenvolver a capacidade comunicativa oral e escrita, assim como alunos leitores que fomos, ou que estamos tentando formar.

Já no capítulo quatro podemos ler sobre o paradigma social-identitário, que surge no decorrer do século XX. O próprio título já nos remete a várias ideias que permeiam os termos que dá nome ao paradigma, é notável a assertiva do autor quando afirma que os paradigmas se entrelaçam entre si neste processo de ensino de literatura. Cosson explica que o ensino de literatura está ligado às questões sociais e de identidades, o autor fala que, neste momento a literatura é concebida a partir de uma ideia de “produção cultural que representa as relações sociais e expressa identidades” (2021, p. 101), ou seja, envolve um conjunto de representações que vão além da escrita, leva em conta questões relacionadas às artes e as tecnologias presentes na sociedade. Por meio da literatura é que os alunos podem ter o contato com representações identitárias, entender questões históricas e desenvolver a partir das leituras sentimentos de lutas e buscas por uma sociedade mais justa e igualitária.

Cosson salienta que o ensino de literatura, neste paradigma, está voltado para a formação de alunos críticos, que por meio da literatura sejam capazes de questionarem a realidade e reagir a questões que envolvem suas heranças culturais e sua identidade, se posicionando de maneira crítica e refletindo sobre sua realidade na sociedade ao qual está inserido. A ideia aqui, não é de usar a literatura para aprender a norma culta da língua, ou para pregar uma “moral”, mas sim de levar o aluno a refletir e questionar seu lugar no mundo reivindicando sua identidade e seu papel na sociedade por meio dos textos literários.

O autor aponta que este paradigma está voltado para as relações sociais e as expressões de identidade, foca questões políticas voltadas aos grupos minoritários, buscando no texto literário um espaço para se expressar e desenvolver a construção de identidades de maneira tanto coletiva como individual. Essas características presentes nos textos literários são critérios usados para afirmar a concepção de literatura neste paradigma.

Assim, o valor para o ensino da literatura está na sua capacidade de despertar a consciência crítica dos alunos para que eles sejam capazes de se posicionar politicamente e eticamente na sociedade na qual estão inseridos. O paradigma social-identitário é um convite a conhecer o outro, a diversidade dos seres humanos por meio dos textos literários, que têm como valor o despertar de consciências críticas em seus leitores, contribuindo de maneira mais assertivas para a formação humana dos professores e estudantes, já que neste paradigma e por meio da literatura o aluno poderá encontrar suas representatividades, elevação de sua autoestima e a valorização de sua identidade.

Neste capítulo, Cosson desperta a curiosidade reflexiva dos seus leitores, levando-os a pensar sobre como ensinamos literatura, o que pretendemos ensinar e se o que pretendemos ensinar é realmente necessário para nossos alunos ou devemos deixar eles descobrirem com o simples ato de ler literatura. Ele nos leva a pensar sobre questões que vivenciamos enquanto alunos ou quando ensinamos literatura, o que precisamente é o ensino de literatura? É uma das perguntas que parece ficar no ar para ser respondida individualmente. Para mim, a resposta está no contato com a literatura. Cada pessoa aprende alguma coisa, é tocada de alguma maneira pela leitura literária. Assim, ensinar literatura é proporcionar momentos de leituras, é possibilitar acesso a obras diversificadas, é o compartilhar de experiências que se deu por meio da leitura literária.

Quanto à metodologia presente no paradigma social-identitário, o autor explica que se dá por meio do debate e da participação do aluno nas aulas, pois neste paradigma o aluno é um cidadão em processo de formação, e o professor tem o papel de mediador/promovedor deste debate, porém, esse papel se torna mais complexo e exige mais do professor em questão de conhecimentos, posicionamentos críticos e éticos frente a construção de uma sociedade mais justa e igualitária com o auxílio dos textos literários, ou seja, cobra do professor um bom engajamento.

No paradigma social-identitário a literatura encontra um lugar específico na grade curricular do ensino médio e na disciplina de língua portuguesa presente no ensino fundamental. Neste paradigma a literatura assume uma função política e vai se ocupar com o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos, por meio da leitura e do debate sobre questões sociais, políticas e identitárias.

Para fechar esse paradigma, Cosson faz alguns levantamentos críticos de grande relevância para nosso entendimento, ele salienta que o princípio representacional que fundamenta o caráter político da literatura é um dos seus pontos frágeis, pois acaba deixando de lado as questões estéticas da literatura e focando somente no mundo que está sendo representado do ponto de vista político, questões voltadas as desigualdades, a gêneros, e etnias, entre outras temáticas que passam a ser discutidas e denunciadas por meio da escrita literária.

O autor ressalta também a questão relacionada à formação dos professores. Neste paradigma eles que precisam estar bem engajados nas temáticas presentes na literatura. Ao pensarmos na formação continuada dos professores em geral, podemos ver o grande risco deste profissional de educação cair em armadilhas que podem comprometer o processo de formação de leitores e a experiência dos alunos com o texto literário, pois caso o aluno não esteja engajado nas temáticas abordadas, este poderá ser ignorado e até afastado de outras experiências de leituras que não necessariamente seja focada em temáticas e questões de forte presença do ensino da literatura.

No penúltimo paradigma, intitulado Paradigma da formação do leitor, cuja temporalidade é meada do século XX, Rildo Cosson quase que, diretamente, convida seus leitores a refletirem sobre certos conceitos do ensino de literatura, que podem ser questionados e reinterpretados a partir das experiências e vivências de cada leitor. O autor começa falando sobre o filme Sociedade dos poetas mortos e isso já se torna muito cativante, porque é uma obra clássica para os educadores, dificilmente alguém sai do curso de Letras sem ao menos ouvir falar neste filme, ele aponta algumas cenas que nos induzem ao pensamento crítico do ensino da literatura.

Cosson explica como a literatura é concebida neste contexto, por meio de diversas propostas inovadoras de livros, como os livros impermeáveis para bebês, diversas formas e formatos que comportam a literatura e atraindo os mais diversos tipos de leitores. Neste

paradigma, existe uma pegada do marketing editorial, o valor da literatura está na formação do leitor, reforçando a ideia de prazer, ou seja, leitores que leiam por prazer.

Esse processo de leitura prazerosa, pode ser iniciada desde os primeiros anos de vida da criança, por meio de diversos estímulos literários, entre eles os livros impermeáveis que não garantem uma qualidade literária, mas podem ser atrativos aos bebês pondo-os em contato desde cedo um livro, contação de histórias, entre outras estratégias que poderão levar as crianças a se tornarem leitores literários e a fazerem da literatura um instrumento de libertação e desenvolvimento pessoal.

Um aspecto interessante neste paradigma é o papel que é atribuído ao professor, esse, passa de leitor para alguém que é inteiramente apaixonado pela literatura e deixa de lado os saberes técnicos que remetem a outras questões da literatura, o que pode ser muito interessante quando pensamos em formar alguém que leia por prazer, que preferem ignorar as partes mais técnicas da literatura e vivenciar aquilo que lhe é mais prazeroso.

Neste paradigma o professor deve ser um modelo de leitor para inspirar seus alunos, enquanto mediador de leitura ele vai além de simplesmente mediar e assume o papel de influenciador com certas experiências em questões psicológicas na tentativa de ajudar seus alunos a desenvolverem a leitura por prazer. O trabalho de incentivo à leitura, neste paradigma, se dá desde a educação infantil e segue por todo o período de escolarização, ao se propor a leitura prazerosa, que é quando o leitor se entrega para a leitura e não quando é obrigado a ler para realizar alguma atividade de escrita ou mesmo de dramaturgia.

As reflexões sobre a concepção de literatura, as ideias de leituras e formação de leitores apresentadas neste paradigma despertam os seus leitores inquietações diversas, pois os convidam a refletirem sobre seus objetivos com o ensino da literatura e a pensar em estratégias inovadoras que possam contribuir de maneira mais assertiva para a formação do leitor literário possibilitando meios para que a leitura prazerosa seja possível aos seus estudantes.

Em uma vertente bastante utilizada, ainda no século XX, vem o paradigma do letramento literário, que compõe a última parte do livro. Nele, o autor explica que o termo letramento literário nasce de Graça Paulinho no final da década de 90, se expandiu e se popularizou entre a comunidade acadêmica e entre os estudiosos que se interessam pelo assunto. Cosson chama a atenção para o surgimento de vários termos que são utilizados

na atualidade no que se refere ao letramento literário e como ele vai se constituindo nas comunidades de ensino.

Neste paradigma a literatura se concebe não só a partir dos textos canônicos e clássicos, mas também das ressignificações, das rescritas simbólicas de comunidades e suas heranças culturais, dos olhares para elementos culturais de diversas perspectivas, da criticidade dos distintos meios usados como suporte que vão dos impressos para as plataformas digitais, em formatos como: vídeos, filmes, áudio-vídeos e outros espaços que compõem a cultura digital, além do próprio corpo humano e suas possibilidades. Neste paradigma

A literatura funciona como um conjunto de itens organizados conforme são identificados como literários ou passíveis de serem literários por instâncias diversas, que vão desde instituições como academias e escolas até as editoras e o mercado passando por consumidores em geral, leitores críticos e os próprios escritores. (COSSON, 2021, P. 175).

Então, esse paradigma se constrói com um olhar especial para a literatura em seus diversos formatos, construindo distintas comunidades de leitores que convivem e interagem por meio da literatura.

Neste sentido, a literatura não tem seu valor somente na interação do leitor com os livros, na perspectiva de críticas, aprendizados, entre outras questões apresentadas nos paradigmas anteriores, mas na reciprocidade entre esses elementos, por meio da relação de trocas, entre prazer, experiências, identificação, capacidade de criar e recriar realidades, pensar e refletir em diálogo com a bagagem cultural de cada leitor. Desta maneira o leitor se transforma a cada experiência com a leitura literária e essa transformação se dá por meio do impacto do leitor com o texto literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler, analisar e refletir sobre o livro “Paradigmas do ensino da literatura”, de Rildo Cosson, constituiu-se em uma experiência enriquecedora, pois localiza o leitor em um contexto histórico sobre o ensino da literatura no contexto escolar. À medida que avançamos na leitura, é como se estivéssemos revisitando a história da educação. Ao nos depararmos com as apresentações ideológicas que envolvem os primeiros paradigmas do ensino de literatura, temos uma leve sensação dessa volta ao passado para relembrarmos as ideias tradicionais de educação para a época.

O autor organiza cada paradigma colocando-os em uma espécie de linha do tempo, detalhando a formação de cada um deles ao longo do tempo, começando na era colonial perpassando o tempo até os dias atuais, isso nos ajuda na organização dos saberes para a construção de novos entendimentos.

Cosson localiza o período em que se instalam os paradigmas e como eles vão se entrelaçando entre si na construção de um novo paradigma, mas sem excluir por completo o anterior. Com isso, vemos que o ensino de literatura é composto de vários paradigmas que se adequam e se atualizam para compor uma nova proposta para o ensino da literatura na escola.

A obra me propiciou refletir sobre como tenho desenvolvido o trabalho com a literatura em sala de aula, com que objetivos e se estou sendo capaz de formar leitores literários com competências literárias. Assim, o livro “Paradigmas do ensino da literatura” me convidou a ampliar os horizontes em relação ao ensino da literatura. Neste movimento de leitura e observação da história da constituição dos paradigmas do ensino da literatura, pude compreender que por vezes me encontro entre um paradigma e outro, que trago em minhas práxis vestígios dos paradigmas que já foram ultrapassados, mas que deixaram marcas ou ideias que sobrevivem à passagem do tempo. Atrevo-me a pensar que sou um sujeito contribuindo para o surgimento de um novo paradigma do ensino da literatura no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. Paradigmas do ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 2021.

Recebido em: 14 de junho de 2023.

Aceito em: 08 de março de 2024.